

Eixo temático: Discurso e tradução/interpretação de/para a língua de sinais.

**INTÉRPRETE EDUCACIONAL: AS ESCOLHAS LINGUÍSTICAS FEITAS PELO
PROFISSIONAL SÃO CAPAZES DE PROMOVER AS TROCAS DIALÓGICAS
NUMA SALA DE AULA BILÍNGUE.**

Dayse Garcia Miranda¹

RESUMO

O presente estudo propõe apresentar um pequeno panorama acerca de pesquisa realizada na área da tradução e interpretação. Para tal, apresentar-se-á uma análise da atuação do ILS (Intérprete da Língua de Sinais) contratado pelas escolas da região metropolitana de Belo Horizonte para solucionar os problemas de comunicação enfrentados pelos alunos surdos no seu processo de inserção nas escolas regulares da Educação Básica. Através de aspectos que conceituam o significado do discurso, e a partir do contexto interacional entre os participantes, que, nesse caso em especial, são os alunos surdos, os alunos ouvintes, o professor e o ILS, procurar-se-á verificar como ocorrem os processos de comunicação em uma sala de aula bilíngue e quais mediações são criadas pelo intérprete para favorecer a aprendizagem dos alunos surdos. Espera-se, assim, e por meio de uma descrição de coleta de campo, mostrar as relações estabelecidas na junção de duas línguas em um mesmo espaço comunicativo, mapeando como o intérprete de língua de sinais viabiliza ao aluno surdo o acesso às atividades diárias da sala de aula, desenvolvidas sob a ótica da sociolinguísta interacional.

Introdução

As redes públicas de ensino, após a inserção do aluno surdo, adotam como estratégia para solucionar o impasse relacionado ao uso de diferentes línguas e a presença de diferentes culturas na sala de aula, a contratação de um intérprete de língua de sinais. De tal forma, e ao elegerem tal estratégia de inserção, as escolas das redes públicas de ensino acreditam que a presença desse profissional promoverá o acesso dos alunos aos conhecimentos e aos conteúdos curriculares em todas as atividades didático-pedagógicas, como preconiza os defensores da educação inclusiva.

¹ Mestre em Educação - FaE/ UFMG, Especialista em Educação Inclusiva, Bacharel e Licenciada em Psicologia, Analista de RH da CODABE, TILS da REDE MINAS de TV, Intérprete de Libras/LP (Certificado pelo MEC - Prolibras), professora do CAS-BH/MG – Centro de Capacitação e Formação à profissionais da Educação na área da surdez, professora da PUC-MINAS, professora da UNIPAC/BH.

Ao pensarmos nas práticas discursivas de uma sala de aula bilíngue, faz-se importante elucidar que o indivíduo surdo já é portador de uma língua apreendida nas relações com seus pares lingüísticos, aprendizagem que geralmente não é originada nos espaços familiares. Adotando uma perspectiva sociointeracional, e tendo em vista uma especificidade comunicativa, me apóio no pressuposto de que o surdo também possui uma identidade/cultura singular, pensamento que pode ser confirmado por Gumperz (2002), que acredita e afirma ser a linguagem um fenômeno social.

Com base no que postula a sociolinguística, pode-se dizer que o discurso evidencia o ser social e as suas relações sociais: ele não é puro, e está diretamente ligado ao contexto discursivo realizado na comunicação situada SOCIALMENTE. (CAMERON, 2001; HICKS, 1995). Para Brilliant-Mills (1994), o discurso é uma comunicação que transpõe o ato de ouvir/“ver” e falar/“sinalizar”², é uma atividade interpessoal e determinada dentro de um contexto social. A comunicação, portanto, evidencia os aspectos da vida do falante/sinalizador, concebendo a descrição complexa da estrutura social e dos mecanismos de escolhas discursivas dentro de uma interação situacional. (CAMERON, 2001).

As práticas discursivas da sala de aula bilíngue são construídas e relacionadas nas interações sociais desenvolvidas entre os alunos (surdos/ouvintes), o professor e o intérprete de sinais, fato definido teoricamente. Contudo, os acordos discursivos estabelecidos entre esses membros têm visado a troca das representações sócio-culturais, e/ou estão sendo disponibilizados por aspectos dominantes³. Para Hicks (1995), deve-se destacar, as variáveis do uso lingüístico são o reflexo das práticas sociais nas crenças e valores, caracterizadas pelo seu ambiente comunicativo, e que revelam a diferença individual e do grupo de uma sala de aula. De tal forma, sendo o intérprete de língua de sinais quem viabiliza ao aluno surdo o acesso às atividades diárias da sala de aula, será ele o foco da presente pesquisa, que só poderá ser desenvolvida pela ótica da sociolinguísta interacional.

² Ver/sinalizar: trata-se de informação acrescida objetivando pensar em outros canais de comunicação como, por exemplo, o canal visuo-espacial, língua de sinais.

³ Agilidade discursiva – o som prospera no silêncio; o uso dominante da escrita na Língua Portuguesa; a organização do espaço arquitetônico – cadeiras enfileiradas impossibilitam o acesso e a interação comunicativa do surdo, pois sua língua é visual.

Pressupostos que fundamentaram a Pesquisa

Os pressupostos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa aqui relatada foram divididos em 4 (quatro) aspectos. O primeiro deles trata das relações pedagógicas constituídas em uma sala de aula: propõe-se analisar as ações e interações entre os participantes, as formas de comunicações predominantes do grupo e os significados construídos nessa mediação entre os sujeitos envolvidos. O segundo aspecto refere-se ao espaço educacional inclusivo: uma investigação de cunho etnográfico foi adotada, e a observação participante auxiliou a compreender os padrões de comunicação existentes na sala de aula. Ao considerarmos a sala de aula um lugar das construções sociais e mútuas, e que cada sujeito presente nesse espaço, em sua modalidade lingüística, constrói um modo de ser e de estar no mundo, para a análise do terceiro aspecto foram escolhidos os arcaibouços teóricos da Sociologia Interacional como base para a explicação dos princípios e normas que orientam o comportamento desses participantes. Por fim, e sendo a sala de aula um contexto sócio-cultural, fez-se importante elucidar como os participantes buscam suas interações sociais, enfatizando, em um primeiro momento, como os participantes ocupam seus lugares e como ocorrem as relações dialógicas, e, logo após, como ocorrem as interações entre os alunos surdos, o ILS e desse grupo com os outros participantes (professor e alunos ouvintes). Sob esta perspectiva de análise, ter-se-á como foco principal a ser analisado as escolhas lingüísticas do ILS para mediar as condições de aprendizagem dos alunos surdos.

Seleção de eventos e critério de análise

Foram escolhidos 3 (três) eventos para representar os aspectos estruturantes da sala de aula bilíngue. Para a primeira escolha, visando uma visão mais ampliada dos aspectos comunicativos, *a entrada dos alunos* em sala de aula foi considerada como um evento capaz de reconstituir a rotina da sala de aula por meio das formas de ocupação e participação desses sujeitos. Com a escolha do segundo evento, *a chamada*, pretendeu-se demonstrar os padrões discursivos predominantes nessa sala de aula. O terceiro evento propõe apresentar os aspectos relacionados ao conhecimento ensinado durante situações de ensino dos conteúdos curriculares que será representado em uma aula com o uso do recurso áudio-visual.

No que se refere à organização e a participação nessa sala de aula bilíngue, foi possível constatar, a partir da análise desses dados, que os participantes e que as interações comunicativas predominantes são mantidas entres seus pares lingüísticos. No que diz respeito

aos padrões discursivos predominantes, observou-se que, durante *as chamadas*, o ILS assumia o controle da presença dos alunos surdos. Entretanto, ao se discutir situações de ensino e aprendizagem no terceiro evento, com base na aula em que se teve o uso de recurso visual, pôde-se verificar que o ILS sempre parte da realização verbal perceptível à audição: demonstra interpretar o enunciado com base nas próprias definições, visto as suas escolhas lingüísticas serem orientadas pela sua personalidade e experiência profissional. Observou-se ainda que o ILS reconhece a dificuldade comunicativa em um ambiente inclusivo, não demonstrando, porém, que essa dificuldade pode ter uma causa lingüística, implicando em uma consequência na sintonia conversacional.

Considerações Finais

Mesmo em um ambiente bilíngüe, as barreiras não são sanadas. Lacerda (2009), no entanto, considera que, ainda assim, os surdos têm benefícios, pois passam, por meio da atuação do ILS, a terem acessibilidade no/ao ambiente escolar. A entrada do ILS numa sala bilíngüe de fato contribui com a inclusão. Deve-se ressaltar, entretanto, que dados revelam que a inclusão se dá apenas no espaço físico: a sala se divide em dois grupos lingüísticos (surdos e ouvintes), impossibilitando a dinâmica relacional da sala que tem a Língua Portuguesa como majoritária, o que dificulta o estabelecimento de interações dialógicas em todos os eventos, pois a própria diferença na modalidade de língua em uso dificulta ao ILS interpretar/traduzir todas as falas com suas respectivas características.

Os eventos apresentados de forma sucinta são apenas uma pequena amostra acerca da dificuldade para se consolidar de fato uma política inclusiva que contemple efetivamente os alunos surdos. Salientamos, assim, e fortemente, que os recursos didáticos não vislumbram uma educação inclusiva ou conduzem rumo a uma ação que torna cada profissional, professor e ILS, responsável pelo ensino-aprendizagem do seu grupo lingüístico.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Silvana. Intérpretes de Língua de Sinais : um estudo sobre as identidades. UFSC. Ciência da Educação. Dissertação de Mestrado. SC. 2006.

ALBIR HURTADO, A. O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. In: ALVES F.; MAGALHAES, C.; PAGANO, A. *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BRASIL. Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília, Distrito Federal.

BRILLIANT-MILLS, Heidi. Becoming a Mathematician: Building a situated definition of mathematics. *Linguistics and Education* 5 , 1994.

CAMERON, Deborah. Situations and Events: the ethnography of speaking. IN: Deborah Cameron. *Working with spoken discourse*. London: Sage, 2001.

GUMPERZ, John. **Convenções de Contextualização**. P. 149-182. Trad. José Luiz Meurer e Viviane Herbele In. RIBEIRO, Branca Teles e GARCEZ, Pedro. (ORGS). **Sociolinguística Interacional**. SP: Editora Loyola, Brasil, 2002.

HICKS, Deborah. Discourse, Learning and Teaching. *Review of Research in Education*, 21, p.49-95, 1995.

LACERDA, C. B. F. *Intérprete de Libras – em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. São Paulo: Editora Mediação, 2009.

LEITE, Emeli. M. C. Os intérpretes de LIBRAS na sala de aula inclusiva. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras – UFRJ, 2004.

LODI, A.C.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L de. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: LODI A. C. *et al.* (orgs.). *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

PEREIRA, Maria Cristina. Os aspectos da proficiência lingüística em língua de sinais. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. UFRGS, 2008.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, R. M. *Educação de Surdos: A aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M. *O tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Brasília: MEC. SEESP, 2003.

ROSA, A. S. A I(m)possibilidade da Fidelidade na Interpretação da Língua Brasileira de Sinais. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 123-134, Jun. 2006.

VIANNA, B. Teoria da Relevância e interpretação simultânea. In: ALVES, F; GONÇALVES, J. L. (orgs.). *Relevância em Tradução: perspectivas teóricas e aplicadas*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

VIEIRA, M. E. M. *A auto-representação e atuação dos Professores-intérpretes de línguas de Sinais: Afinal ... Professor ou Intérprete*. Santa Catarina: UFSC - Centro de Ciências da Educação, 2007.